B
N.º 132.565
R.º

NOVAS

LUCUBRAÇÕES D'UM ARTISTA

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1863

NOVAS

LUCUBRAÇÕES DUM ARTISTA

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

COIMBRA

1887

FILIPE DOS SANTOS
ÉVORA
B
132.565

NOVAS

LUCUBRAÇÕES D'UM ARTISTA

POR

ANTONIO FRANCISCO BARATA

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA
-5 MAR 1979
OFERTA

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1863

Á

PATRIOTICA SOCIEDADE

MADREPORA

DO

RIO DE JANEIRO

PELO SEU

AMOR DE PATRIA, DESINTERESSE

E ABNEGAÇÃO

O.

ESTE OPUSCULO

Antonio Francisco Barata

A

PATRIOTICA VINDEMIADE

MADRIPORA

DO

RIO DE JANEIRO

POR

UM OBSCURO INDEPENDENTE

E AMIGO DO PAIZ

O.

O poeta de Sulmona, desterrado nas asperezas do Ponto, tinha saudades da patria e escrevia os *Tristes;* e para voltar á sua Roma, para deixar os getas rudes, compilava os primeiros cantos dos seus *Fastos,* para os offerecer a Druso Germanico.

É que Ovidio via no vencedor da Germania o término de seu captiveiro, o unico astro esperançoso no ceu toldado de seus dias.

Camões, vagando do Indo ao Ganges, escrevia as immortaes estrophes do seu immortal poema, aqui, á sombra da secular palmeira e da luxuriante vegetação asiatica, alem, no dorso colleante das vagas; e na gruta de Patane concluia a immorredoura existencia da portugueza gloria.

Camões amava e tinha saudades da patria. De volta a Portugal viu sossobrar o fragil lenho nos mares de Camboja, e d'esse nau-

fragio so tentou e conseguiu salvar o que na ausencia da patria havia composto para ella.

Mirariam esses homens um *premio vil?* A affirmativa fôra uma offensa á gloria d'elles.

A Sociedade MADREPORA, do Rio de Janeiro, os benemeritos portuguezes que a compõem, vendo essa vastissima e silenciosa campina atlantica entre si e o cantinho da Europa em que nasceram, têm saudades da patria; e, como remedio a nostalgicos padecimentos, derramam com mão larga por todo o Portugal o melhor dos beneficios a — instrucção — nas classes necessitadas.

E individualmente não póde a patria e as gerações futuras agradecer taes serviços!

Acceite, pois, a Sociedade MADREPORA este tributosinho de admiração e respeito, de um filho do trabalho.

Coimbra, 29 de Janeiro de 1863.

PROLOGO

Como prologo aos meus escriptos servirão unicamente tres versos de um poeta portuguez:

As vezes se diz bem, melhor e mal;
Assi se faz ao livro: o bom prudente
Louva o bom, risca o mal, em tudo egual.

FERREIRA.

Dieu a posé le travail pour sentinelle de la vertu.

Hesiodo.

LUCUBRAÇÕES

ESPINHOS E LOUROS

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

Aos filhos do Alemtejo, como os que mais soffreram na grande lucta da restauração de Portugal

(Recitada pelo auctor no palco do Theatro Academico em 8 de Maio de 1862, no sarau poetico dado pelo Sr. A. F. de Castilho).

I

Valente o moço Rei, co'a mocidade
Do nobre Portugal, corrêra ás armas,
E d'Alcacer-Kibir aos quentes plainos
Rapido voa.

Investem feras mahometanas filas;
No curvo alphange tine a espada rija;
E um sceptro, c'roa e Rei alfim sepulta
Torrida areia!...

Não vimos a victoria. A louca fama
Pelo mundo correu, disseminando
A nova da jornada, com sentidas
Funebres vozes.

E as sanctas quinas, em que o mundo absorto
Mil vezes Portugal saudado havia,
Rôtas, batidas, o africano solo
Subito varrem...

Do sangue portuguez la derramado,
Da areia ardente que o bebeu sequiosa,
Para os vencidos os grilhões fundiram
Barbaros mouros...

Converte o bac'lo em sceptro D. Henrique,
Da mitra c'roa faz, ao throno sobe;
E da nau do govêrno toma o leme
Trémulo braço.

Ai, pobre Portugal armipotente!
Ja foste grande e forte, e ja temido,
E em cambio d'isso so teras em breve
Lagrimas tristes...

II

Expirára D. Henrique
E com elle Portugal;
A maga estrella d'Ourique,
De tantos brios fanal,
Escondia o rosto lindo...
Era um agouro fatal!

Do velho Rei que expirára
Nenhum filho nos ficou;
Que a morte, com mão avara,
Orphandade decretou
A um povo que ja foi grande,
Que a dois mundos abarcou.

As cruas leis de um mau fado
Era forçoso cumprir;
Foi venturoso o passado,
Como sería o porvir?
Talvez noite tenebrosa
Sem nenhum astro a luzir!

Assim foi. Em sessent'annos
De captiveiro cruel,
Com mão larga esses tyrannos
Nos deram a beber fel...
E enganando nossa esp'rança,
Castella foi infiel.

Promettêra a autonomia
D'esta nação respeitar,
Os foros e a regalia
Ja d'aquem, ja d'alem mar,
E de nos dar mão d'amiga
Bem alto o disse em Thomar.

Mas promessas de Castella
Todas foram desleaes;
Portugal falle por ella

E mostre d'isso os signaes
Nas laudas da sua historia
Para a Hespanha tão fataes.

Mostre claro, ao mundo inteiro,
Seu arbitrario podêr,
Quando, fero e justiceiro,
Cruel em seu proceder,
Esse Leão de Castella
Nos veio a morte trazer.

Acceitámos coagidos
Essa fatal união,
Para sermos opprimidos
Na mais atra escravidão...
E captivos sessent'annos,
Em podêr d'essa nação!

O pêso de mil tributos
Não podémos rebater,
Que os ministros dissolutos
Decretavam sem tremer
A morte dos nossos reinos,
O fim do nosso viver.

E expirámos. So viviamos,
Como Lazaro viveu,
Na esp'rança de que podiamos
Dar á Hespanha o que era seu,
E ouvirmos dizer — *surrexit!*
A esse povo que morreu.

III

Oh! bemdita seja a esp'rança!
Que da casa de Bragança
Feliz astro de bonança
Faz surgir em Portugal!
Converte nossos proavos
Em centenares de bravos,
Parte os ferros aos escravos,
Humilha o genio do mal.

Bemditos sejam, mil vezes,
Esses nobres portuguezes
Que firmissimos pavezes
Fizeram dos peitos seus,
Que á sujeição estrangeira
Oppozeram a barreira,
Tão firme, tão verdadeira,
Honra, patria, amor e DEUS!

Relembre um sec'lo de gloria,
Abra-se o livro da historia,
Dê-se respeito á memoria
De quem tanto por nós fez;
E um tributo verdadeiro,
Consagraremos primeiro
A... a João Pinto Ribeiro,
Tão leal, tão portuguez!

Ó manes de Antão d'Almada!
Nunca temaes que olvidada
Seja a acção tão afamada
Que nos veio redemir!
Coutinhos, Mellos temidos,
E vós, Almeidas tão qu'ridos,
Jamais sereis esquecidos,
Eternos heis de existir.

Que a memoria d'esses feitos
Guardâmos em nossos peitos
Como sagrados direitos
Que tendes ao nosso amor;
Como o nauta ama a bonança,
Como o pobre adora a esp'rança,
Como idolátra a lembrança
De quem foi seu redemptor.

IV

Triumphámos — foi nossa a victoria
Que nos veio as algemas quebrar;
Triumphámos — foi nossa a victoria
Que da Hespanha nos veio livrar.

Eram poucos, mas bravos os nossos;
Eram muitos e fortes os seus;
Mas que importam altivos colossos
Se a justiça têm contra, e têm DEUS?!

Não ha noute que zombe do dia;
Não ha vida que zombe da morte;
Da tristeza não zomba a alegria,
Nem ha forças que zombem da sorte.

Triumphámos. Perdão, ninguem vence
Se contrarios no campo não tem;
Assim como a razão não convence
Se actuar não podér sôbre alguem.

Não vencemos — somente expulsámos
D'este solo hespanhoes deshumanos;
D'homens livres o hymno cantámos
Sem saber se são bravos, tyrannos.

Mas nas trevas la tinha o futuro
Annos cinco, mais vinte, e mais tres,
Para o Leão de Castella, seguro,
Encontrar o valor Portuguez.

Para vir no Alemtejo, sanhudo,
Talar campos, mostrando bravura;
Para vir entre nós perder tudo,
Para achar entre nós sepultura!

V

Que o digam rudes muralhas
Que ainda velhas por 'hi estão;
Que o digam tantas batalhas
Se a Hespanha perdeu ou não;
Que diga o livro da historia
Qual de nós colheu mais gloria
Á sombra de seu pendão.

Que o diga a tremenda lucta
Que tantos annos durou,
Qual das nações mais exulta,
Qual mais gloria conquistou,
Qual d'ellas era mais forte,
Qual mostrou mais alto porte,
Qual mais coragem mostrou.

Montijo, primeiro falle,
Se o consentir sua dor,
Se ha fôrça que a fôrça eguale
Do nosso brio e valor,
Quando, depois de abatidos,
Convertemos, destemidos,
Em vencido o vencedor.

Depois, *Elvas,* a invencivel,
Que diga por sua vez,

Se viu cousa mais terrivel
Do que o braço Portuguez,
'Nessa batalha famosa;
Que diga a Hespanha orgulhosa
Se mais do que nós la fez!

Se as suas *Linhas* tão fortes
Vencidas alli não viu,
Se ás suas valentes cohortes
A robustez lhes serviu,
Se, na completa derrota,
Qual fôra a d'Aljubarrota,
A fortuna lhes sorriu.

— É que a causa quando é sancta
Ao mais fraco dá valor;
E se um povo se levanta
De si proprio defensor,
Combate com mais firmeza,
Da victoria tem certeza,
Da guerra não teme o horror!

— Que o diga a batalha ingente
Chamada do *Ameixial*,
Onde o inimigo potente
Nos fez um povo immortal,
Perdendo dez mil soldados,
Vendo de louros c'roados
Os filhos de Portugal!

Falle por fim *Montes-Claros*
Das nossas grandes acções;
Dos nossos heroes preclaros
Mostre os distinctos brasões:
Que o diga a Hespanha abatida,
Tão nobremente vencida
Pelos nossos esquadrões.

Fallem todos d'essa lucta
Que tantos annos durou,
Qual das nações mais exulta,
Qual mais gloria conquistou;
Qual d'ellas era mais forte,
Qual mostrou mais alto porte,
Qual mais coragem mostrou.

VI

Co'a a fronte coroada de verde oliveira,
Que foi mensageira da paz nacional,
Ao cabo da lucta de guerra tamanha
As fôrças d'Hespanha venceu Portugal!

E ha homens que dizem que os filhos d'agora,
Como esses d'outr'ora valor ja não têm;
Eu não — que taes dictos são graves offensas
Ás tão puras crenças que o peito contém.

Ás crenças de um povo por Deus bemfadado,
Que fez respeitado o pendão Portuguez,
Que a todo esse mundo mostrou quanto podem
As fôrças do homem que á gloria se afez.

As crenças de um povo — por Deus so vencido!
E que hoje abatido sem forças se ve;
Mas, bem como a phenis, das cinzas renasce,
De gloria se pasce, na gloria so crê;

E póde das cinzas surgir poderoso,
Crescer vigoroso, ás armas correr;
E em pugna espantosa engeitar a tutella
Que a nobre Castella lhe possa off'recer!..

. . . . . .

Irmãos! folgai todos — com maga alegria
Festejai o dia que livres nos fez:
—Com magicos gosos o porvir aguarde
Quem não for cobarde, quem for Portuguez!

Coimbra, 30 de Novembro
de 1861.

VOPELIARES

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

CONDE DA GRACIOSA

I

Quem hoje quizer fallar na historia d'esta ou d'aquella povoação coeva da infancia da nossa monarchia, não o poderá fazer sem conjunctamente tractar da historia geral do paiz; visto que laços apertadissimos unem o viver das poucas cidades e aldeias que Portugal teve em seu princípio, com a historia dos limites do Condado de Portugal, com a de seus possuidores e com a de seus mosteiros e ordens religiosas.

Procurando nos escriptores de melhor nota, notícias ou mesmo simples esclarecimentos a respeito de *Volpeliares*, ou melhor, *Vopeliares*, povoação ou quinta que existiu entre o rio Mondego e o Douro, pelos annos de 1040 e seguintes, achámos, tão intimamente ligados com os acontecimentos notaveis da historia, os esclarecimentos a respeito de *Vopeliares*, que não

poderemos tractar d'estes esclarecimentos sem tambem fallar 'naquelles factos notaveis.

Assim, guiados nas trevas do passado, pela Historia do Sr. A. Herculano, entraremos com passo firme e seguro 'nessa noute de oito seculos, e, conseguintemente, no que faz agora parte d'esta memoria.

II

Com Raymundo, Conde de Borgonha, viera á Hespanha um nobre cavalleiro francez, filho de Henrique, neto de Roberto, Conde de Borgonha, e bisneto de Roberto II, Rei de França, chamado Henrique. Ou elle procurasse fortuna na Peninsula, entre as contínuas guerras e conquistas que então alimentavam a Hespanha, ou tivesse em vista o conseguimento de um casamento illustre — «É certo... que no princípio de 1095 Henrique estava casado com Tarazia, Tareja (Thereza), filha bastarda de Affonso VI.»[1]

Henrique, a quem D. Affonso VI havia dado, com a mão de sua filha, o titulo de Conde e a provincia Portucalense, governava em 1097 o territorio entre o Minho e o Tejo.[2]

Não se sabe ao certo as condições com que D. Affonso deu ao Conde D. Henrique a provincia Por-

[1] Sr. A. Herculano, *Hist.* vol. 1.º, pag. 197.

[2] Sr. A. Herculano.

tucalense; e d'aqui vem a famosa contenda, entre os escriptores hespanhoes e portuguezes, ácêrca da independencia de Portugal.

No principal documento que os hespanhoes apresentam, para mostrar a sujeição do condado de Portugal a Castella[1], achâmos nós tambem a principal notícia a respeito de *Vopeliares*.

É uma carta de Affonso VI ao Conde D. Henrique a respeito da quinta de *Vopeliares*, que o Bispo de Coimbra D. Mauricio[2] disse lhe haviam tirado para a darem a D. Cypriano[3], pertencendo ella ao seu Mosteiro da Vaccariça, ou Bubulense.

[1] E tambem portuguezes — «... nos dous annos que decorreram entre o fallecimento de Raymundo e de Affonso VI (1107 a 1109), elle (D. Henrique) residiu quasi sempre em Portugal na obediencia do sogro.» — Sr. A. Hercul. *Hist.* liv. 1, pag. 211.

«Deu-lhe depois o govêrno de Portugal com o titulo de *Conde*, que elle exerceu; mas com sujeição a seu sogro.» — M. A. Coelho da Rocha, *Ensaio sôbre a Historia do Govêrno*, pag. 43.

[2] «D. Mauricio Burdino, aquelle, que nascido em França na cidade de Limoges, veyo á Hespanha com o Arcebispo de Toledo D. Bernardo, e passados alguns annos chegou a ser Bispo de Coimbra e de Braga; e movendo depois em Italia um Scisma escandaloso, se quiz chamar Gregorio VIII.» — Rocha, *Portugal Renascido*.

[3] Quem fôsse este D. Cypriano é cousa que não podêmos saber. Pelo final da carta vê-se que D. Cypriano devia ser Bispo ou pessoa ecclesiastica, e sendo, como ao diante se verá, a posição de Vopeliares nas terras da Feira ou de S.ta Maria, faz lembrar que D. Cypriano fôsse Bispo do Porto. No ca-

A carta diz assim:

«Affonsus Dei gratia Imperator vobis dilectissimo «filio meo Comite Henrico in Domino salutem. Ve-«nit ad me querela de ipso Episcopo de Colimbria «de Villa de Volpeliares quae est sub testamento de «suo Monasterio de Vaccariça, quam habent minus, «et dicunt mihi, quia ego dede illam ad Domnum «Ciprianum, sed non venit mihi in mente, et quam-«vis ego eam dedissem si in testamento erat de illo «monasterio, ego nec autorigo, nec outorigabo eã, «sed vos quantum mihi bene quaeritis causam de «illa sede et illos monasterios inderẽzata illas. Va-«lete.»

thalogo dos Bispos d'esta cidade não apparece tal nome. Depois do Bispo D. Sesnando houve Sé vacante, e tres prelados governaram o Bispado: D. Paio, primeiro em o nome; D. Rodrigo e D. Paio, segundo. Por este tempo era Bispo de Coimbra D. Mauricio, de modo que, se a carta de D. Affonso VI, quando diz Cypriano, se refere ao Bispo do Porto, devia então dizer D. Paio. A D. Paio seguiu-se o Bispo D. Hugo, na Sé do Porto, e na de Coimbra, a D. Mauricio, D. Gonçalo, e foi no tempo dos ultimos Bispos d'estas Dioceses, que realmente houve a contenda a que parece alludir a carta de D. Affonso; porque «com o Bispo D. Gonçalo fez o Bispo D. Hugo uma composição»... «avieram e concertaram sôbre as egrejas d'além Douro e terras da Feira»(*). Harmonisam-se, comtudo, éstas cousas. As palavras da carta: «encaminhai la, e resolvei a contenda d'estas egrejas» referem-se ás Sés de Coimbra e Porto, e aquelle D. Cypriano foi, provavelmente, algum rico-homem, senhor de *Vopeliares*.

(*) D. Rodr. da Cunha, *Cathalogo dos Bispos do Porto*, 2.ª ed., part. 1.ª, pag. 318.

Em portuguez:

«Affonso por graça de Deus Imperador, a vós «amantissimo filho meu o conde Dom Henrique, saude «em o Senhor. Fez-me queixa o bispo de Coimbra, «que lhe falta a Villa de Vopeliares, a qual pertence «ao seu Mosteyro da Vaccariça, e dizem que eu a «dei a Dõ Cipriano, do que não estou lembrado. «E dado caso que eu a désse, se ella era do dito Mos- «teyro, eu nem auctoriso, nem auctorisarei a doação. «Vós pelo bem que me quereis encaminhai la, e re- «solvei a contenda d'estas igrejas. Deus vos guarde.»[1]

Dissemos que fôra o Bispo D. Mauricio quem se queixára a D. Affonso VI, e assim é. Attribuindo-se ao anno de 1109 o famoso documento[2], e sendo Bispo de Coimbra D. Mauricio, desde 1098 até 1110, anno em que foi para Arcebispo de Braga[3], concluimos que — a mitra dos Bispos de Coimbra devia 'nesse tempo cobrir a cabeça de Mauricio Burdino[4].

Dissemos tambem que os escriptores hespanhoes desumiam da carta de D. Affonso VI a obediencia do condado de Portugal a Castella, e agora diremos

[1] *Monarchia Lusit.* part. 3.ª, cap. VIII. Barbosa, *Cath. Chronol. das Rainhas de Portugal*, pag. 39. J. Pinto Ribeiro, *Injustas Successões*, pag. 68.

[2] J. Pedro Ribeiro, tit. 3, part. 1.ª

[3] Francisco Leitão Ferreira, *Cathalogo dos Bispos de Coimb. nas Memor. de Hist. da Acad. Portugueza*, de 1724, pag. 51.

[4] «Burdino que se entende ser nome de familia.» Leitão Ferreira, *Cathal. dos Bispos de Coimbra.*

tambem que os nossos o produzem em seu favor. Brito, e Barbosa, são d'esta opinião, assim como o é, á face do direito, J. Pinto Ribeiro, encarando a queixa de D. Mauricio, mais como um meio de que o Bispo se serviu para saber se D. Affonso tinha dado a quinta de *Vopeliares* a D. Cypriano, do que com outro fim, e inferindo das mesmas palavras da carta que, o conde D. Henrique governava do Minho ao Tejo[1], sem obediencia ou sujeição a D. Affonso VI.

Sem allusão ao documento ainda Duarte Nunes de Leão impugna as opiniões dos escriptores castelhanos, mostrando que o dote de D. Thereza lhe foi dado sem vassallagem ou foro algum.[2]

Mas, porque o nosso proposito não é verdadeiramente este, e porque sobejamente hemos fallado já da carta de D. Affonso VI, concluiremos com o que diz um escriptor contemporaneo: «Fôsse, ou não, tributario a Castella o condado de Portugal, o que é fóra de toda a dúvida é que a nacionalidade portugueza foi devida a D. Henrique.»[3]

[1] «Comite Domno Henrico genero supradicti Regis (Affonso VI) dominante a fluvio Minio usque in Tagum.» Brandão, *Monarch. Lusit.* tom. 3, liv. 8, cap. 10.

[2] Duarte Nunes de Leão, *Chronica do conde D. Henrique*, pag. 33.

[3] Sr. J. A. de Sousa Doria, *Comp. de Hist.*

III

Fallaremos agora de um outro documento concernente a *Vopeliares*, mas dizendo alguma cousa quasi promiscuamente a respeito das ordens religiosas e dos mosteiros em geral.

Antes do 18.º anno do govêrno de Tiberio, em que foi crucificado Jesus Christo, claro está que não podia haver na Peninsula templo algum que não fôsse pagão.

Com a peregrinação dos Apostolos pelo mundo veio á Hespanha a religião de Jesus Christo, pois — «É certo... que pelos fins do seculo 2.º havia ja nas Hespanhas Egrejas Christans.»[1]

Como arbusto novo em escalvada encosta, exposto ao capricho dos ventos, assim, a nova arvore religiosa com difficuldade foi medrando, açoitada de contínuo pelas invasões das hordas barbaras de Vandalos, Suevos e Alanos.

Com a vinda dos Godos (Visi-godos e Ostro-godos) em 585, veio tambem para a religião tempo de melhor bonança. «Os barbaros a quem a ignorancia e o espirito da independencia dispunham para obedecer antes ás ordens de Deus, de quem os Bispos se diziam os oraculos, do que ás dos outros homens,

[1] M. A. Coelho da Rocha, *Ensaios sôbre a Hist.* pag. 13.

ainda mesmo dos Reis...» — por interesse proprio sympathisavam com ella. «Em taes circumstancias... procuraram o apoio dos chefes da religião. Chamaram-os para o seu conselho: remetteram aos Concilios todos os negocios de importancia; e encarregaram aos Bispos, em grande parte, a administração da justiça.»[1]

Em 714 os Arabes, ou Mouros, invadiram a Peninsula; e, com a morte de Rodrigo nas margens do Cryssus, terminou o dominio Godo nas Hespanhas.

É facil de conceber a lucta espantosa entre invasores e invadidos!... Tardia chegou a transacção, mas veio.

Livre tinham os christãos o exercicio de sua religião[2], e, a par d'essa liberdade de culto, grande era tambem a miseria e pobreza.

Uma cousa havia então, verdadeiramente civilisadora; era a devoção religiosa.

Permittia-se a todos a fundação de Mosteiros, Cenobios e Asceterios.

Avultado era o numero de doações feitas a estas casas, ja pelos Bispos, ja pelos grandes senhores, ja pelo povo, e, o que mais é, até por alguns Mouros. D'aqui veio a creação de muitas casas religiosas durante os seculos 9.°, 10.° e 11.°

[1] Coelho da Rocha, *Ensaios*, pag. 20.

[2] «Os Ministros communicavam e correspondiam-se livremente; celebravam Concilios; usavam de vestes ecclesiasticas' e até dos sinos para a reunião dos fieis.» Idem, pag. 38.

Entre os muitos m o steiros que havia no vasto ter ritorio de Coimbra ao Porto, existia o Mosteiro Bubulense, ou da Vaccariça «na antiga villa da Vaccariça, hoje pertencente ao concelho da Mealhada, situada perto do Bussaco, meia legua ao poente de Luso.»[1]

Foi um mosteiro rico e affamado, de religiosos Agostinhos ou Benedictinos,[2] fundado, ao que parece, entre os annos de 537 a 543.[3]

Era este mosteiro senhor de muitas villas, logares, pequenos mosteiros e egrejas, como se póde ver no livro Preto da Sé de Coimbra.[4]

Entre as doações d'este Mosteiro é que reencontrâmos noticia de *Vopeliares*.

É uma avultada doação feita por um Resemundo, filho de Maurelio e de Baselisa... cujo theor é o seguinte:

«Ego domine famulus tuus resemondus prolix «maurele et baselise... Adicimus ibidem domine ad «ipsius sacrosanctum et venerabilem templum qui «sunt per velamen servorum vel ancilarum deo de «servicio, medietatem de ecclesia que sita est in villa

[1] Vid. *Hist. do Mosteiro da Vaccariça*, pelo Sr. Dr. A. A. da Costa Simões.

[2] Fr. Antonio da Purificação chama-lhe Mosteiro da sua ordem, e Fr. Leão de S. Thomaz diz, que pertencia aos Benedictinos. Vejam-se estes chronistas.

[3] Sr. Dr. Simões, cit. *Memoria*.

[4] *Livro Preto*, folhas 35, 61, 67 v.º e 68, etc.

«foramontanos vocabulo sancte marie cum medietate «de mea hereditate de villa vopeliares, etc.»[1]

Aonde sería o assento de *Vopeliares*? Sería uma villa, pequena povoação, ou simplesmente uma quinta? Porque se chamaria *Vopeliares*? São perguntas que naturalmente se fazem depois da leitura d'esse vetusto documento.

IV

Não é possivel determinar o logar em que existiu *Vopeliares*[2]; comtudo, emittiremos a tal respeito uma opinião.

Fr. Leão de S. Thomaz, depois de fallar nas muitas povoações que o Mosteiro da Vaccariça tinha entre o rio Vouga e o Mondego, diz: «E no Bispado do Porto tinha a villa de *Gelpilhares*... juncto ás terras de S.ta Maria...»[3] Sería ésta *Gelpilhares* a mesma *Vopeliares* da carta de D. Affonso VI, e a mesma da doação? Parece-nos que sim; porque o facto de Fr. Leão de S. Thomaz não fazer menção d'esta *Gelpilhares* no escholio que faz das povoa-

[1] Livro Preto, folhas 64.

[2] «Ninguem sabe agora onde foi a Troia, nem Athenas, nem Corintho... Tal aconteceu a algumas cidades da Lusitania de que não ficou mais memoria que o nome que tiveram.» Duarte Nunes de Leão, *Descripção de Portugal*, pag. 28.

[3] Fr. Leão de S. Thomaz, *Benedict. Lusit. Tract.* 2.º, part. 2.ª, pag. 352.

ções do Mosteiro entre o Mondego e o Vouga, para a ir collocar nas terras de S.ta Maria, prova que ésta *Gelpilhares* é a mesma *Vopeliares*, so com a differença na corrupção do vocabulo. Com a troca de um *o* por um *e* e de um *e* por *i*, ainda hoje existe a uma legua do Porto.[1] Poderá parecer ainda uma dúvida o dizer Fr. Leão de S. Thomaz que era no Bispado do Porto essa povoação, e o Bispo de Coimbra chamar-lhe sua, na carta ou queixa que fez a D. Affonso VI; mas é ésta uma dúvida, que de prompto desapparece.

Pela carta de D. Affonso ao conde D. Henrique, vê-se que o Bispo so deveria ter dito que Vopeliares era do seu Mosteiro da Vaccariça, sem comtudo estar no seu Bispado: e, mesmo que assim fôsse, a dúvida desfazia-se ainda — «Pediu (Nuno Soares, o Velho) ao Bispo de Coimbra D. Creseonio (chegava 'naquelle tempo o Bispado de Coimbra até ao rio Douro...»)[2]

Seria Vopeliares uma villa como aquellas povoações a que hoje damos tal nome? Cremos que não. A carta de Affonso VI e a doação de Resemundo dizem villa; mas esses documentos são escriptos em latim, é verdade que barbaro, e *villa* quer dizer

[1] «Golpelhares — freguezia da Provincia do Douro, concelho de Gaia, comarca a uma legua do Porto, 51 de Lisboa, 753 h.n — *Taboa Geographico-Estatistica Lusitana*, por um Flaviense.

[2] D. Nicolau de S.ta Maria, *Chronica de Sancto Agostinho*, part. 1.ª, pag. 280.

quinta ou *casa de campo*. Demais, sendo Portugal limitadissimo, muito especialmente a respeito de povoações[1], não é provavel que tivesse muitas villas, mormente com o sentido em que hoje tomâmos a palavra *villa*.[2]

«A escacez de numerario era tal que não é raro encontrar-se vendas ou permutações de terras, de largas herdades, e das chamadas *villas*, a trôco de um boi, de uma vacca ou bezerra, de uma egua, de uma ovelha, de uma manta, etc.»[3]

O facto d'este escriptor depois de mencionar herdades fallar nas chamadas *villas*, sublinhando a palavra, prova que villa era uma herdade como outra, mas que tinha mais alguma cousa, sem comtudo ser uma povoação como as de hoje.

Porque se chamaria Vopeliares? Foi dúvida que tambem creámos e a respeito da qual passâmos a emittir o nosso parecer.

Volpes, ou *vulpes*, *vulpis*, significa a—raposa— de modo que, sendo Portugal, por assim dizer, despovoado, e, conseguintemente muito arborisado, nada mais facil de admittir que suppor a existencia da

[1] «Porque as terras de Portugal que estavam ganhadas aos Mouros, quando o deram ao Dom Henrique estavam ainda tão hermas e despovoadas que apenas em todas se achavam trezentos de cavallo.» Duarte N. de Leão, *Chronic. do conde D. Henrique*, pag. 33.

[2] Vid. o *Supplemento ao Elucidario*, na palavra *Villa*.

[3] Coelho da Rocha, *Ensaios*, etc., pag. 39.

dita *quinta* ou *casa de campo*, encostada, ou cercada de matas em que andassem muitas raposas,[1] visto que de *volpes*, ou *vulpis* se faz *vulpinor, vulpinaris*, que para *Vopeliares* não frisa muito mal.[2]

Ahi fica o que, como simples curioso, podémos obter depois de examinarmos trinta ou quarenta livros diversos.

[1] Os antigos chamavam a uma raposa *Golpelha*. Ainda isto vem em auxílio da nossa Golpelhares.

[2] Tambem foi muito lisongeira para nós a opinião do erudito e esclarecido Sr. M. da Cruz Pereira Coutinho, que disse a um amigo nosso terem éstas conjecturas attingido a verdade.

Coimbra, 11 de Agosto de 1862.

CHARADA

Ha tres noutes que não durmo,
Doutor, que tormento horrivel!
Receite, expulse o principio
D'esta insomnia terrivel... 2

Vejo pouco, esse *vidro*
Chegue-m'o ca por favor;
Mas, deixe, não é preciso,
Venha ca mesmo o *senhor*... 2

—

— Sabe que mais, meu amigo,
Ja não estou p'ra o aturar:
Que diz, *Doutor*? não me obrigue
O todo a pronunciar.

NOS CAMPOS DO ETERNO ABRIL

A. F. DE CASTILHO.

Que lindissimo sorriso
Te confrange as faces, filho!
As portas do paraiso
São teus labios de carmim!
Tu sonhas sorrindo, anjo!
Tu brincas com teus irmãos;
E aos pés do Supremo Archanjo
Não te lembras, tu, de mim?

Acorda, filho, desperta,
Conta a teu pae o que ves
Na etherea morada aberta
Assente em campos d'anil.
Não vens ao brado paterno?
É melhor não acordar!
É melhor o somno eterno
«Nos campos do eterno abril! [1]

[1] Fataes são os presagios do coração humano! A criança que eu assim via dormir, e a quem so por fazer poesia desejava a morte, la esta ja — nos campos do eterno abril!...

NO BENEFICIO DA ACTRIZ

D. MARIA LINARES

VERSOS RECITADOS PELA BENEFICIADA

no theatro da Sé velha

Ás leis cedendo de um mau fado imigo,
Um doce abrigo 'nesta Coimbra achei;
Bemdicta a hora em que, ao soffrer curvada,
Eu, malfadada, 'neste palco entrei.

Lá como o iris diz no ceu bonança,
Viçosa esp'rança me sorriu tambem;
No ceu toldado de meus tristes dias
Tu me sorrias, como ao filho a mãe.

Bravos e c'roas, estrondosas palmas,
De tantas almas expansão d'amor,
São como a nuvem que fugindo passa...
E na desgraça... o que nos resta? — a dor!...

Oh! quanto custa de uma actriz a vida
Favorecida se não for d'alguem?!
Se um anjo bom lhe não sorrir um dia?
Se de Thalia os sacros dons não tem?!

Por isso eu venho p'lo dever movida,
De agradecida leaes provas dar
A vós, primeiro, director's beninos,
Nos pobres hymnos d'este meu trovar.

A vós, Senhores, que no meu exilio
Com vosso auxílio derramais o bem;
A vós, toucadas de jasmins e rosas,
A vós, formosas, que diviso alem.

A vós, mancebos, que só qu'reis d'actores
'Nalguns louvores vosso premio achar,
Tambem tributo uma affeição sincera...
—Viçosa hera sem podêr murchar!

A

R. A. DE C.

Se ao teu bom coração coube por sorte
So dissabores ca no mundo achar;
Sê tu, casta donzella, sê mais forte,
Que o teu anjo de ti se ha de lembrar.

Virgem, para soffrer todos nascemos,
No valle d'espinhos que trilhâmos ca...
Os que mais felizes parecer nós vemos,
'Spera-os a c'roa do martyrio la.

Assim pois, minha amiga, ca na vida
Todos têm seu calvario e sua cruz:
Abraça a tua com amor, ó querida,
'Té que dos olhos se te apague a luz.

Gosa se podes passageiras ditas;
Nos braços d'amisade folga e ri:
Não olvides tambem horas bemditas,
Que tão lédas passei juncto de ti.

NO CEMITERIO DE COIMBRA

A cruz sacrosanta de lucto vestida,
Aqui nos estende seus braços de mãe;
Farol dos que soffrem na vida nos guia,
Depois de morrermos nos guarda tambem.

A terra é de todos amiga extremosa:
Na vida d'angustias sustento nos dá:
Na morte, guardando em si nossos restos,
Nos diz que no mundo ventura não ha.

A morte é do olvido funesta consocia:
Quem morre é qual folha que o vento levou:
Renascem as folhas nos mezes das flores,
Ca ficam os filhos que o morto deixou.

E assim passam annos e os seculos engrossam,
E assim ja la vão tantas mil gerações!...
A vida não passa de um leito de espinhos...
Feliz de quem pede na campa orações.

Do pai e do irmão, do parente e do amigo,
Do pobre e do rico a morada é egual:
Aqui fraternisam co'a virtude os vicios,
Aqui tudo é nada na mansão final.

Que importam erguidos suberbos moimentos,
Aqui, onde a morte nos dá suas mãos?
Se a campa singela de rosas cercada
Nos diz que os que morrem são todos irmãos?

.....

A cruz sacrosanta de lucto vestida,
Aqui nos estende seus braços de mãe;
Farol dos que soffrem na vida nos guia,
Depois de morrermos nos guarda tambem.

20 de Dezembro de 1859.

CHARADA

Ás direitas estende e encolhe,
(Se na *segunda* acabar.)
Ás vessas, pós do estio,
Vel-a-heis no chão tombar. 2

É animal ás direitas,
E tambem p'ra segurar:
Ás vessas um grande povo
Ja serviu para adornar. 2

D'Astorga nos velhos montes
O todo bem podeis ver,
Afferrado a velha usança
No trajar e no viver.

NECROLOGIO

«Bom é para o varão ter levado o jugo dos da sua mocidade.»

Para o homem que chorâmos, para o martyr que expirou, devia de ser bom o jugo de que falla Jeremias.

O veterano da liberdade, Jose de Sousa Bandeira, não podia achar fechadas as portas da bemaventurança, porque bem pesado lhe foi na terra o jugo do infortunio e da tyrannia...

Nascido nos paroxismos do seculo XVIII, Jose de Sousa Bandeira foi embalado ao som plangente da tremenda guerra que lançou França na mais horrorosa anarchia, e que os sentidos echos da escravidão fizeram repercutir em Portugal.

Cedo começou a sentir a desgraça que affligia seus irmãos d'alem dos Pyrineus e a amar extremosamente e liberdade da sua patria accommettida pela invasão franceza em 1809.

Como não amaria Bandeira a liberdade aos vinte annos! Amou-a muito! teceu-lhe coroas, erigiu-lhe altares, por ella foi poeta, por ella foi martyr até!...

Á sombra do pendão regenerador, Jose de Sousa Bandeira foi Godofredo de Bouillon, se não foi Pedro o Eremita da cruzada sancta das novas ideias sociaes, que, ao nascer d'este seculo, deviam inaugurar o reinado da liberdade em terras de Portugal.

Agrupado com outros homens em volta do sagrado labaro da liberdade, teve de soffrer muito na Palestina a que o levára a grandeza de sua alma e o so amor da causa que abraçou, na fratricida lucta que até 1834 cobriu de crepes e saudades a nossa terra.

Sentenciado á morte pelos juizes de D. Miguel, vestiu a execranda tunica do enforcado, e, de baraço ao pescoço, chegou a dar as tres voltas que o condemnado dá á forca...

«Corre á pressa fortuna quando afaga,

mas afagos seus não doem, consolam! Bandeira viveu para mais sentir depois a ausencia da fortuna e os horrores da guerra, prêso nas masmorras de S. Julião, e para mostrar a seus inimigos

«. . . . . que a nobreza d'alma
«Co'o pêso se levanta como a palma,

quando a tyrannia tenta abater homens da têmpera d'elle!...

Jose de Sousa Bandeira foi grande no infortunio!...

Restituido mais tarde á liberdade, repousando nos braços d'essa donzella d'alvas roupas, unico norte seu, Bandeira puniu por suas regalias e foros e combateu-lhe os inimigos, ja no *Artilheiro*, ja no *Periodico dos Pobres*, e até á sua morte no *Braz Tizana*.

Como foi puro o seu amor pela causa que abraçou creança ainda, assim sem mancha foi o seu viver entre os homens!

Bom, extremosissimo pae, cidadão prestante e virtuoso, amigo como poucos, Jose de Sousa Bandeira falleceu no Porto no dia 26 de Dezembro de 1861, com 72 annos de edade.

Oremos por elle.

A UMA SENHORA DO PORTO

So por me dizerem que vossa excellencia
Mostrára desejos de me conhecer,
Sem arte ou ingenho, dons que não possuo,
Meu simples retrato lhe vou ja fazer.

•

Sou alto e delgado, mas a minha altura
Não é, felizmente, cousa d'espantar;
Não tenho por ora corcunda nas costas
Nem mesmo desejos de a vir a aturar.

O rosto é comprido, os olhos castanhos,
As faces cavadas com pallida côr;
A testa é *passable,* faz o termo medio
Entre testa curta e entre a d'um doutor.

A bocca é pequena, o nariz... esse agora
Confesso não sei como lh'o hei de pintar:
Não é muito feio, tambem não é bello...
Não passa, a final, d'um nariz bem vulgar.

Cabello castanho, a barba allourada
Em pera e bigode a costumo trazer;
E por isto creio que vossa excellencia
Meu pobre retrato pod'rá conhecer.

Agora accrescento, que corto cabellos,
Penteio perrucas, barbeio tambem;
E nas horas vagas converso co'as musas,
Esqueço os cuidados, não lembro ninguem.

E assim terminando o meu pobre retrato
Á virgem que habita nas margens do Douro,
Saude e ventura de ca lhe appeteço,
Saude e ventura, que são bom thesouro.

DEUS

Na face irrequieta do mar azulado,
No sol que nas aguas ao longe descae,
Na quebra ruidosa das ondas na praia
Escuto os assentos de um hymno a Adonai!

Nas aves luctuosas que pousam nas vagas,
Na rocha que ás ondas encontra o furor,
Nas mil brancas gotas que aos astros se elevam,
Escuto os assentos de um hymno ao Senhor!

No leito das ondas, na areia macia,
Nas aguas que á noite retratam os ceus,
Nas chispas brilhantes que saltam das vagas,
Escuto os assentos de um cantico a Deus!

25 DE FEVEREIRO

No rosario de teus annos
Primeira esphera passou,
Por mão de fada impelida
E que a vida te contou.

Tem sido berço de rosas
O teu leito d'innocencia,
Os anjos têm-no embalado
E guardado a Providencia.

—Queira o ceu medir teus passos
'Nesses dias que hão de vir!
Queira o Senhor vigiar-te
E mostrar-te o seu sorrir!

E quando os annos passarem
E nem pae nem mãe tiveres,
De allivial-os não cesses
Com as preces que lhes deres.

1862

QUATRO DIAS EM PORTUGAL

I

Foi-se a quadra fria!
Os bons dias tornam!
Olha como adornam
Graças os rosaes!

A. F. CASTILHO.

Que formoso que é 'nesta patria querida um dia de primavera! Que magico encanto não tem quando das trevas nos apparece radiante de magnificencia!

O côro dos passarinhos o recebe com uma salva de delicados hymnos, e o mensageiro do oriente, o rei dos planetas, a vida da creação, o sol, no carro de fino ouro, lhe acompanha a curta peregrinação!

Nada ha mais bello no mundo do que um dia de primavera 'neste nosso Portugal!

Murmuram brandamente os regatos, pasce o armento a fresca e curta relva da encosta, adejam auras subtis 'numa atmosphera balsamica, sobem para as alturas rareadas nuvemsinhas côr de púrpura, tapisam flores mimosas a selva inteira, toda a natureza traja galas, toda é seducção, encanto, vida!

É formoso um dia de primavera! Goteja matutino orvalho o roseiral, desabrocha com aromaticas exhalações a flôr silvestre, pleiteiam castos amores as avesinhas, cobrem-se os montes de verdura e flores: um dia de primavera em Portugal é todo vida, é todo amor!

Canta nos montes o zagal contente, offertam-lhe fructos mil as abundantes arvores, ja nas flores viçosas é risonha a natureza inteira; e póde ler-se — Deus — no ceu formoso, no ar balsamico, na terra florída, nos animaes alegres, nas leves auras e no mar tranquillo!

Como é formoso um dia de primavera 'nesta nossa terra!

II

...A vegetação... entra a destoucar-se e despir-se para o seu somno do inverno. A. M. CASTILHO.

É de azul brilhante o ceu formoso, dardeja raios d'almo calor o sol esplendente, mingoados rios dão frescura prodiga, arvores copadas grata sombra espalham, murmura o limpido arroio no valle sombrio e a natureza é toda flores ainda!

Como é bello em Portugal um dia assim! Remoçada a velhice, ao sol aquece os membros lassos; os tenros meninos tentam ver se andam, dando á fresca brisa as vestes leves; e á tarde as nuvens lindas do horisonte promettem á natureza um dia egual!

Pendem das arvores saborosas fructas, esvoaçam bandos infantis de seres alados e sôbre a fouce do segador alegre tomba a loura messe!

Como é formoso um dia d'estio, ca no occidente!

III

Meneia os altos freixos
A branda viração de quando em quando.
CAMÕES.

A decadencia ainda tem encantos! Ao soprar de um vento fresco curvam-se as arvores e rumorejam as amarelladas folhas, que sôltas brincam a capricho d'elle.

Alastra-se o chão com ellas, para ficarem nuas a faia e o alamo altivo!

Desfolham-se no prado as rosas, emmurchece o jasmim suavissimo, definha a modesta violeta e na veiga seccam as boninas.

A decadencia ainda tem encantos! Deixa a natureza as vestes brancas, demandam o patrio ninho as andorinhas, revoltam-se nos ares presagas nuvens...

Vem perto a velhice!

Foi-se dos campos a verdura, das arvores a fructa e dos jardins as flores...

Ondas subtís de deleitoso aroma ainda no ar vagueiam, e póde ler-se um adeus em tudo isto!

Até breve!

Quem não ama um dia de outomno na patria querida?!

IV

O suberbo furor do negro vento
Fará por toda parte movimento.
CAMÕES.

Negros rôlos de nuvens pelos espaços gyram á merce dos fortes ventos, despenha-se do ceu chuva em torrentes e açoitam a creação granizo e frio! Domina a tempestade nas alturas... Trasbordam os rios com o tributo dos pingues confluentes, rebentam por essas montanhas susurrantes fontes e a cima das serras cobre um veu de jaspe!

E os ventos bravos sopram... cae abundante chuva, grandes nevadas tolhem a vegetação das plantas... Eis aqui o inverno!

Nos redis retem-se o gado, calvas encostas mostram-se ermas de flores; ja não cheira o rosmaninho agreste, sibila so o vento nos canaviaes despidos...

A mais feia das estações ainda tem encantos! Fuméga o tecto hospitaleiro do casal rustico, mugem emprisionadas vaccas e bala descontente a productiva ovelha!

Sumiram-se as lindas aves, e so algumas com tristes côres piam pelos silvedos... Fremem nos espaços negras nuvens electricas, ribomba o trovão no seio d'ellas e do sol so chega á terra um raio descorado e frio!...

Mas o dedo de Deus ainda aqui se admira, e um dia de inverno ainda tem encantos em Portugal!

CHARADA

As entranhas côr da noite;
É medonho o todo seu:
Vivem la feras ou bruxas
Ou então algum judeu. 2

É emblema do passado;
Da terra deriva o ser:
Interjeição portugueza
Que aversão so quer dizer. 1

Se uma *prima* me antecede,
Venturosos dos mortaes!
No plural são dos amantes
Com beijos, com ternos ais. 2

Altivo e forte nos sertões d'America,
Calcando aos pés da natureza as leis;
Imagem viva de horrorosas scenas
Sem ao sangue cheirar jamais o vereis.

VERSOS

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

MANUEL DE CARVALHO E VASCONCELLOS

POR OCCASIÃO DO SEU DOUTORAMENTO

Nunca, nunca provei castalias aguas,
Que os dons d'Appollo sôbre nós derramam;
Nunca do Permesso vi as margens lindas,
Que ao sacro Deus a adoração votára:
Escasso é meu saber para cantar-vos
Coração e talento.

Quem me dera possuir d'Elmano a lyra,
E os magos dedos que a tocar sohiam,
Para ignea canção ao vosso merito
Cantar gostoso com palavras mellicas;
Mas, não póde encarar, como a aguia altiva,
O sol, ave rasteira!

Qual terna mãe que com seu filho ao collo
Rev'rente vae pousar na cruz singela
Cheirosa c'roa pela mão do infante;
Assim eu vou tambem co'o amor nos braços
Laurel virente por suas mãos tecido
Depor na fronte vossa.

Dos louros de Minerva entretecido
Tem, quaes diamantes alternadamente,
A ventura, o prazer, em flor mudados:
E mais, no sítio que vos roça a fronte,
De muito mais valor, joia sem preço,
Tem a benção materna!

15 de Julho de 1859.

CHARADA

Ebrio d'amor e poesia
«Sôbre cochins d'escarlata,»
Do eunuco com a volata
Primeira o Sultão fará. 1

Se não tem tanto imperio
Quer em Tunis ou Argel,
Crentes filhos d'Ismael
Seus preitos lhe dão por la. 1

E se por fim aos helenos
Alguem for buscar terceira,
Sem ser mesmo a derradeira
No alphabeto a encontrará 1

——

O todo que as tres produzem
Em dois reinos tem logar;
— Não tendo animalidade
Sabe sentir e pensar.

IMITAÇÃO

(Do XIV canto do Crepusculo, de V. Hugo)

Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe !

Ninguem conhece
O pêso enorme
Que a esmagou !
Ninguem conhece
A fome horrenda
Com que luctou !

Quando a desgraça
Rijo abalava
Sua virtude,
Quem a não viu
Combater forte
O vicio rude ?!

Como na folha
A gota d'agua
Pura scintilla,
E sacudida
Persiste e lucta,
Treme e vacilla;

E linda perola
Ao sol brilhando
Se nos mostrou;
E é lodo apenas,
Se desprendida
No chão tombou;

Assim foi ella!...
E nós culpados...
Tu, rico, tu!
Foi o teu ouro,
Teus vis desejos,
Teu peito cru!

Mas esse lodo
A gota d'agua
Conserva ainda,
E, p'ra que possa
Deixar a terra,
Ser pura e linda;

E como perola
Mostrar um dia
O seu 'splendor,
Carece, a triste,
D'um raio ardente
De sol, d'amor!

20 de Janeiro de 1863.

CHACARA [1]

Foge, foge, moço infante,
Foge, foge da traição!
Teu juiz não é distante,
Teu algoz é teu irmão!

Teu irmão, rei D. Fruela,
Ve em ti conspiração;
Pobre infante de Castella,
Teu algoz é teu irmão!

Foram so crueis validos,
Foram tua perdição;
Ja te não valem pedidos,
Teu algoz é teu irmão!

[1] O valle de *Voimarens* é um pequeno valle, que, partindo da fresca ribeira de Coselhas, vem terminar em Cellas. Diz a tradição que fôra aquelle o logar em que D. Fruella dera a morte a seu irmão Voimarano.

Ai de ti pobre coitado!
Tuas culpas falsas são;
Innocente és condemnado,
Teu algoz é teu irmão!

Voimarano, moço infante,
Ve se foges da traição!
Por um throno vacillante,
Teu algoz é teu irmão!

D'esse valle memorado
O porvir fara menção;
Voimarens sera chamado
Nos echos da solidão.

1860.

SOLAO

ROSIMUNDA

OU A

ABBADESSA D'AROUCA

I

Quem bate, quem bate ás portas
D'esta casa do Senhor?
— É o conde D. Henrique,
Vinde-as abrir por favor;
É de todalas Hespanhas
O mais nobre campeador.

Assim respondia
Um gentil donzel,
E que parecia
Filho d'Ismael.

— Nós so temos orações
P'ra lhe podêr offertar;
Pobres freiras, mal podêmos
Um tal senhor gasalhar:
Pobres freiras, peccadoras,
Que lhe havemos nós de dar?

Assim respondia
La dentro uma voz,
E a porta se abria
Brandamente apos.

II

— Abbadessa Rosimunda,
Qu'rida serva de Jesus;
Por ver vossa sanctidade
A caminho aqui me puz;
Por levar a vossa benção
'Neste estandarte da cruz.

Ámanhan rija batalha
Co'a mourisma se ha de dar;
Ámanhan em lide honrosa
Ha de ésta cruz triumphar:
Ámanhan, mas hoje quero
A vossa benção levar.

No templo entraram,
No templo entrou
O conde Henrique,
Prostrado orou,
E Rosimunda
O abençoou.

III

Adeus convento d'Arouca,
Adeus belleza tambem;
Adeus minha Rosimunda,
Adeus qu'rida, adeus meu bem:
Adeus minha Rosimunda
«Minha, sim, de mais ninguem.

D'est'arte fallava
Um mouro gentil,
Que apenas entrava
Da vida no abril.

Vou prêso por teus encantos,
Minha vara de condão;
Cegou-me a luz de teus olhos,
Minha primeira affeição:
Cegou-me o brilho da graça
Que tens no teu coração.

D'est'arte fallava
Um mouro gentil,
Que apenas entrava
Da vida no abril.

Toda moura é minha estirpe,
A tua é toda christan;
Mas, vem tu da minha vida
Ser a aurora da manhan;
Mas vem tu ser minha esposa,
Abbadessa tão louçan!

D'est'arte fallava
Um mouro gentil,
Que apenas entrava
Da vida no abril.

IV

D. Henrique, o nobre conde,
Quando viu tamanha dor,
Disse ao mouro que a abbadessa
Ja la tinha o seu amor;
Disse ao mouro que a abbadessa
Era esposa do Senhor.

Ai, pobre de ti, coitado!
Que não podes ser amado.

E a abbadessa Rosimunda,
Ao saber de nova tal,
Tambem disse ao que nos braços
Acalentou Portugal,
Tambem disse ao nobre conde:
—Rosimunda pensa em al.

Não desanimes, coitado!
Talvez possas ser amado.

V

E á porta do seu convento,
Que rescendia a alecrim,
A freira co'as irmans suas
Ao mouro fallava assim:
«Mouro, dizei-me a verdade,
«Quereis perder a liberdade?
«Por esposa qu'reis-me a mim?

—São esses os meus desejos,
São esses, meu qu'rido bem;
Por esposa a vós somente,
Por esposa a mais ninguem.

VI

Deu-lhe a mão, e para a egreja
A abbadessa o conduziu,
E depois com taes palavras,
Ao mouro se dirigiu:
«Para esposa me escolheste,
«Mas, pois que mouro nasceste,
«A sorte nos desuniu:

Faz-te, mouro, renegado,
Talvez possas ser amado...

«Abraçae os bons preceitos
«De Jesus meu Redemptor,
«E eu serei a vossa esposa,
«Dar-vos-ei divino amor,
«E assim, junctos viveremos
«Na sancta fe do Senhor!

E o mouro, p'ra ser amado,
Teve de ser renegado.

Coimbra, 9 de Junho
de 1861.

ARTISTAS CONIMBRICENSES

FRANCISCO ANTONIO GOMES

(Notícia de seus escriptos)

Nas trevas da ignorancia
Não medra o sancto amor;
A. F. DE CASTILHO.

É uma verdade aquella. O amor de familia, o amor de irmãos, e o amor de humanidade não podem existir quando os homens se odeiam e procuram aniquilar, domando com ferrea vontade as ideias nobres e os elevados sentimentos que naturalmente têm. Pelo contrário, no remanso e quietação da paz, brotam espontaneos aos milhares os beneficios que dão ao homem a civilisação e a industria reunidas; illustram-se todos, apertam-se os laços de familia, estreitam-se as relações de homem com homem, e visita a caridade dos que podem o albergue em que se definha a pobreza e necessitada.

A vida do homem de quem nos occupâmos é uma prova d'estas verdades.

Francisco Antonio Gomes nasceu em Coimbra, e 'nella morreu em 22 de junho de 1843, talvez depois de haver vivido mais de cincoenta annos.[1]

Foi barbeiro, amolador, desgraçado e mais que tudo, homem de bem.

A prova do que elle foi como amolador e barbeiro, claramente se le em um de seus opusculos, inspirados quando os primeiros raios do sol da liberdade lhe aqueceram a mente fraca, e onde com toda a singeleza diz:

Trabalhei em quanto pude,
Não fui mau no meu officio.

Verdade que ainda hoje sustentam os que com elle aprenderam.

Como homem, a quem sempre perseguiu uma sorte cruel e inimiga, podêmos ouvil-o e lamental-o em tudo quanto escreveu.

Ahi tendes como elle no primeiro opusculo —*Lagrimas de um infeliz*— começa de nol-o mostrar[2]:

Onze annos são passados
Em ais, prantos e gemidos,

[1] Não sabemos quando nasceu, nem o procurámos, por nos parecer mais proprio de uma biographia.

[2] Julgâmos ser este o seu primeiro opusculo. Foi impresso na officina da Universidade em 1835.

Com os tendões comprimidos,
E os ossos deslocados,[1]
Com os braços encrusados
Sôbre meu peito afflicto,[2]
Pedindo a Deus o conflicto
Em que a morte a fouce atire,
E do mundo me retire...

Que horrivel soffrer devia ser o seu! que martyrio!...

Ouvi-o, no mesmo folheto, conversar com o seu Gelli, tão naturalmente:

Gelli, tu vens de dormir,
Sobe ca ao travesseiro,
Se me queres escutar,
Limpa-me os olhos primeiro.
Cautela com o direito
Que me é util á vida,

[1] Este verso é curto, mas se alguem o censurar por isso, acceite-o assim:

Com os ossos deslocados

que nós pedimos licença ás suas cinzas para lh'o alterar.

[2] Tem o mesmo defeito. Assim não:

Sôbre o peito tão afflicto.

O esquerdo bem figura[1]
Uma janella fingida.

Duas desgraças me faltam
Para accumular a seve:
É perder a vista d'esse
Antes que a morte me leve.

Coitado! Bem infeliz foi teu viver! Job, Job! nem so tu comprehendeste o soffrimento e paciencia! E paciencia; ouvi-o:

E para existir com mal tão forte,
Caritativo genio providente
Infundiste á mulher de mim consorte,

E a ésta, que me amava decemente,
Mandaste, justo Deus, injusta morte;
Se mais falta, mandae Omnipotente!

Vêde a sancta resignação evangelica do homem virtuoso! Ahi tendes o martyr luctando, manietado pela doença, pelo entrevecimento, com a miseria... a miseria e a pobreza, que o obrigaram a pedir uma esmola!

A vós, senhora, recorro,
Bem me custa ser pesado...

[1] Este e o anterior verso ainda poderão parecer maus aos nimiamente escrupulosos na fórma e rigor metrico. Para nós, porém, o «hábito não faz o monge.» O lençol serve muitas vezes de mortalha aos grandes da terra.

Não pede muito:

So se forem alguns cobres
.....
Como daes a outros pobres...

Isto de quando em quando,
Em quanto a morte não vem...

O *Carnaval e a Cinza* é outra composição sua. 'Num philosophico e bem sustentado dialogo entre *Silvano* e *Anfriso*, se combate com todo o podêr da virtude o vício e as loucuras do Carnaval. Ha 'neste folheto grandes descuidos e incorrecções, mas ha tambem não poucas bellezas. Sôbre tudo, na descripção d'essas gentilicas folganças do pagão Entrudo, ha pinturas exactissimas de um colorido brilhante:

La cingem dous mariolas
Podre albarda de um jumento
Sôbre um velho macillento,
E ao som de roucas violas
Com graixa de cassarolas
As nevadas cans lhe enfuscam;
Das baccantes la chamuscam
Os valentes rodapés
Com sulphurios buscapés,
Que indifferentes coisas buscam.
.....

Sae da bolsa o metal louro,
Mandam vir trinta botelhas
Do deus, que pucha as orelhas,
Quando ensina o grego e mouro,
Do rubicundo do Douro,
Do puro de Carcavellos,
Que os ares faz amarellos,
Do cheiroso moscatel,
Que os seus conduz ao quartel
Sem monteira e sem chinellos.

O vicio é fustigado 'neste opusculo com todo o vigor e energia; do fumante diz:

Nem de seu sabe o que tem
Quem tal vício tem por seu.

Suberbo trocadilho, digno do harmoniosissimo Bocage! Ouvi-o fallar agora do jogo:

Mas se vir casa de jogo!
Morderei nos labios logo,
Pois é nuncio da penuria,
Contra a paz horrenda furia
D'amplas casas lento fogo.

Os dois ultimos versos são a mais exacta descripção do jogo.

Silvano sustenta que ha de tudo no mundo; ví-

cio e virtude, rico e pobre, opulencia e miseria; e diz, fallando do Auctor do mundo:

Quando o mundo curvo fez,
Fazel-o recto podia;
Fez a noite e fez o dia
Qual a neve e qual o pez;
Fez grandeza e pequenez,
O ditoso e o infeliz,
Fez o réo, fez o juiz,
O bem-dizente e o mordaz,
Sendo Deus, fez Satanaz,
Mesmo a si contraste quiz.

Engraçada defesa é ésta!

Sendo Deus, fez Satanaz,
Mesmo a si contraste quiz.

A veia poetica e o genio pensador de Francisco Antonio Gomes resaltam d'estas centelhas brilhantes.

Ainda existe outro folheto seu. Não lhe sabemos o titulo, porque sem elle e com muita difficuldade obtivemos um exemplar. Ha 'neste opusculo uma perfeita manifestação do genio pensador e meditabundo de Francisco Antonio Gomes. As composições 'nelle são, em geral, mais joviaes do que as do *Carnaval e a Cinza* e *Lagrimas de um infeliz*. O mote: *Quem morre não volta ca* é chistosamente glosado assim:

Pintam os corpos a arder,
Com pés de cabra o diabo,
Tambem o pintam com rabo,
E os caldeirões a ferver;
Sevandijas a morder
Em quem teve sorte ma;
Mas ninguem veio de la,
E por isso a razão berra:
Os corpos ficam na terra,
Quem morre não volta ca.

A sorte das aves, que vem no fim do *Carnaval e a Cinza,* é, a nosso ver, a sua mais galante e mimosa composição.

O viver do bando alado nos silvedos e florestas, comparado com o triste viver do homem nas cidades, villas e aldeias, é pôsto em contraposição na sorte das aves. Assim começa:

Assumpto digno
De voz sonora
Eu canto agora
Com roucos pios.

Canto a ditosa
Sorte invejada
Que a turba alada
No mundo achou.

No bosque umbroso
Dos homens pavidas,
Encontram ávidas
Grato socêgo.

. . . . . .

Nem alli ouvem
Da cruel guerra
Clarim que berra,
Chamando ás armas.

Gosam ditosas
A liberdade
Com egualdade,
Que em nós é sonho.

Bonita satyra, em que se descobre o seu amor e predilecção pela meiga liberdade![1] Prosegue:

[1] O nosso amigo J. W. Bruno, a quem pedimos esclarecimentos a respeito do modo de pensar d'elle em política, e com quem nos correspondemos em claudicantes versos, deu-os assim:

. . . . . .

Foi homem muito de bem
E muito desempoado,
Não foi *burro* nem *caipira*,
Mas nos ossos um *malhado*.

Nunca adulando
Seu similhante,
Lhe põe diante
Joelho curvo.

Duros grilhões
Nunca arrastaram,
Nem caminharam
Ao cadafalso.

Leis positivas
Lhes são vedadas
Com as erradas
Philosophias.

Continúa a satyrica mordacidade, digna de Nicolau Tolentino:

.....

Nem tragos tomam
Dos tão mal vistos,
Amargos mixtos
De agra Pharmacia.

Vestes não mudam
Em todo o anno,
Nem compram panno
Aos estrangeiros.

. . . . . .

Falta de moveis
Não as afflige,
Ninguem lhe exige[1]
Do predio a renda.

Ninguem lhes pede
D'industrial,
De tal e tal
Torto direito.

Magnifico! Ahi tendes o sal de Tolentino e a concisão de Sá de Miranda.

. . . . . .

Não são eternas,
Morrem tambem,
Porque ninguem
Ao golpe escapa.

Mas quando a fouce
Vem visital-as,
Não lhe armam salas
De negra pompa.

[1] *Lhe* por *lhes*, é defeito em que muito cae Francisco Antonio Gomes. Mas, se tal defeito passa desapercebido em Bocage, Tolentino e outros, como não acontecerá o mesmo em Francisco Antonio Gomes?

. . . . . .

Peste não causam
Ás similhantes,
Sem deseccantes
Zephyro as mirra,

Sem ir ao bosque
Coveiro esquálido,
Que torna pallido
Vivente timido,

Nem sacristão
Com rol disforme
De somma enorme
Do fabriqueiro ;

E para terminar tão bella obra, tão engraçada composição :

És mais feliz,
Ave innocente,
Do que o vivente,
Que a razão usa.

Oh, quanto invejo
Entre amarguras
Vossas venturas,
A sorte vossa !

Ou ter passado
Do ventre ao nada;
E a luz rosada
Jamais ter visto!

Mas, vós, felizes,
Honraes cantando,
E eu so chorando,
Ao Grande Nume.....

Muitos manuscriptos deixou ainda, que o tempo, a incuria dos seus e a falta de curiosidade d'alguem consumiram ou esconderam.

Uma faisca electrica desprendida do seio das nuvens, abriu passagem caprichosa pela amplidão do espaço e veio procurar o bronze da Sé cathedral em 1830. Francisco Antonio Gomes aguça a vontade de poetar, e eil-o inspirado.

Caiu um raio na Sé
Sôbre a augusta frontaria;
Esgalhou a cantaria
Sem respeito á cruz da fé;
Offendeu quem estava ao pé,
Uma joven consumiu,
S. João, defronte, viu
E no seu livro escreveu:

Este raio é judeu,
Pois que a sancta cruz partiu.[1]

Perdeu-se o mais.

Mencionaremos ainda uma sua maneira de manifestar amor:

.....
Receio que alguem nos *pesque*,
Não me ames tão de rijo.

Um abrir e fechar d'olhos,
Beijar uma linda flor,
Um pigarro na garganta,
Tudo dá signaes d'amor.

Temos esperança de obter alguns de seus manuscriptos, que um amigo nosso diz saber onde existem. Se nos vierem á mão, selectal-os-emos, e um segundo artiguinho os fará conhecidos do público.

Artistas conimbricenses! lede com respeito esses excerptos de um collega vosso! Acatae a memoria de quem vos abriu com o exemplo a porta da civilisação! e, possam, o exemplo d'elle e ésta minha notícia, incitar-vos a eguaes commettimentos.

[1] É de S. João a estatua que fronteira á Se nova de Coimbra, se ve no edificio do Govêrno Civil, que foi dos frades Loyos.

A. M.

Eram só dezeseis annos
A minha edade d'então;
Um viver sem desenganos,
Cheio de crença e paixão!
Amei-a muito! adorei-a!
No fogo que amor ateia
Abrasei meu coração.

Os annos foram passando,
E o meu viver sempre assim:
O meigo rosto adorando,
Que me enfeitiçava a mim.
Da quadra de taes amores
So conservo algumas flores,
Que apanhei 'nesse jardim.

Ai! que jardim tão formoso
É 'nessa edade o viver!
Cheio de fe, venturoso,
Nunca devêra morrer

As rosas que alli se colhem
Ventura ao peito não tolhem,
Tem um mago rescender!

Amei-a muito! adorei-a
Com paixão, com frenesi!..
D'este peito foi a deia
A quem meu culto rendi:
Fiei-me nos seus olhares,
Dediquei-lhe os meus cantares,
Tudo por ella esqueci.

Do meu ceu foi meiga estrella,
Encheu-me o peito de luz;
'Squeci-me de mim por ella,
A vida a seus pes depuz:
«Ceguei-me na sua alvura,»
Bebi a tragos ventura,
Gostos mil e mil a flux.

«D'esse amar, tão meu, d'outr'ora»
So lembranças tenho aqui...
No coração sinto agora
Que já no mundo vivi;
E, como um volcão dormente,
Sinto esse amor tão ardente,
Que so por ella senti.

Mas, pois que sorte inimiga
D'esse anjo me desuniu,
E meu peito não abriga
Puras crenças que sentiu;
Incensarei a amisade,
Darei culto á saudade
D'esse tempo que fugiu.

Até que meiga ventura
Me dê crenças que la vão,
E a meu peito dê ternura,
Muito amor, muita affeição,
Quando, d'esse anjo nos braços,
Bemdisser tão sanctos laços
O meu pobre coração.

DECIMAS

PARA MONUMENTOS FUNEBRES

Ante o funebre moimento
A altiva fronte curvae;
E a quem viveu um momento
A prece d'alma enviae:
Que essa côr, que o rosto alinda,
Ha pouco brilhava ainda,
Como em vós, no rosto seu:
E os risos, prazer, ventura,
Tudo 'nesta sepultura
Em cinzas se converteu...

OUTRA

A nuvem que o vento impelle,
Correndo passa por nós,
O ser que a vida repelle
Á campa corre veloz...
E não vale a mocidade!
E não vale a pouca edade
A quem a morte não quer!
Mas valem, e Deus acceita,
A oração que for bem feita,
As preces que alguem lhe der.

O ARABE NA HESPANHA

Éstas veigas tão formosas
Não têm p'ra mim seducção;
Éstas serras magestosas
Offuscam meu coração:
E o meu peito, a liberdade,
So a respira á vontade
La d'Arabia n'amplidão!

Se o meu paiz não tem flores
Variadas como aqui,
Tem perfumes, tem amores
Tem la Deus que lhe sorri!
Tem descampados ardentes,
Onde se criam valentes,
Como nunca assim os vi.

Quando sopra violento
No deserto o Samiel,
Somos livres, como o vento,
Nós os filhos d'Ismael:

De Medina até Surrate,
Do Sinai ao Rosalgate,
Do Oreb ao Babelmandel.

Eu não tróco por granada
O Kaába d'Abrahão;
Nem pela Biblia sagrada
Um so verso do Alcorão:
— O Arabe não é perjuro,
Aos quatro ventos o juro,
Eu nunca serei christão.

Se por Cordova e Sevilha
A Hespanha nobreza tem;
Se do Cid o nome brilha,
E o de Pelagio tambem;
Minha Arabia tem Medina,
Tem o mar que lhe confina,
Que Moisés passou alem.

Tem o Sinai formidavel,
Onde Deus a lei dictou,
Quando, em noite respeitavel,
A meus avós se mostrou!
Terra d'um valor immenso,
Tem a myrra, tem o incenso,
Que so alli Deus creou.

Tem frescas e bellas margens,
Que banham aguas do mar,
Tem orvalhos, tem aragens
Que as costumam bafejar;
Tem o déstro Beduino
Que a cumprir o seu destino
Erra sempre sem quedar.

Éstas veigas tão formosas
Não prendem minha attenção,
E éstas serras magestosas
Offuscam minha razão,
E o meu peito, a liberdade
So a respira á vontade
La d'Arabia n'amplidão![1]

[1] Uma de minhas primeiras composições. Perdeu-se-me; mas auxiliado pela memoria ainda restaurei o que ahi fica.

LOGOGRIPHO

A primeira co'a segunda
Vai muita vez viajar;
A segunda co'a terceira
As cartas póde fechar.

Depois de qualquer batalha
Vê-se primeira e terceira;
Poucos haverá que não tenham
A última com a primeira.

O segredo recommenda
Terceira com a segunda;
E segunda com primeira
No inverno muito abunda.

E as tres, que o todo fórma,
Um poema dão por fim:
E tambem c'roa de gloria
De meu avós e de mim.

CHARADA

Se o princípio, que no homem
De vida costuma ser,
Tambem for o meu princípio,
Na côrte me podem ver. 2

O medonho Adamastor
Horrorisado o tocou;
Em logar da linda Thetis
Com elle um monte abraçou. 2

Na fórma varía sempre;
Tem vida sem vida ter:
'Té acabar póde mesmo,
O que não póde é morrer.

EXPLICAÇÃO PREVIA

Sou artista como se collige do titulo d'este opusculo. O artista é hoje, e creio que deverá ter sido em todos os tempos, relacionando-o com a chamada nobreza, com os abastados, o que para os Indios são os pariás, para os Romanos foram os ilotas, e para o feudalismo os peões — servos, escravos de gleba. Nascido em pobrissimo tugurio, portanto no primeiro degrau da escada social, achei-me na infancia cercado dos mimos que dá um catre miseravel, de parcos e maus alimentos e do fausto andrajoso da pobresa. Em lucta com isso, uma tendencia para ler, senão devorar livros, sempre me affastou, vencedora, para os campos opímos em que se encontra o pão do espirito.—Procurar instrucção — tem sido, pois, a minha divisa. Para a haver trabalho, addicionando a essa divisa — não olhar para traz nem para os lados — quer dizer: não fazer caso de louvores nem de censuras — dos louvores, porque me podem perder, desviando-me do caminho que me impuz seguir; das censuras, por não ter reconheci-

mento bastante com que possa agradecer as animadoras expressões dos criticos, homeros em sciencia de bibliópola.

Assim, pois, sem princípios, sem curso algum regular alem do que me professei e professo, tenho conseguido ser, não digo o primeiro, que loucura fôra o dizel-o, tenho conseguido sôbresahir um pouco entre os meus.

Ha tres annos consecutivos que a lume sáio com algum enfesado fructo de minhas lucubrações, mirando unicamente um ficticio lucro, que outra coisa claro é que não, e foi sempre na briosa mocidade academica (emprégo o adjectivo *briosa*, apesar de cansado e velho, porque, digam o que disserem, é o mais proprio) que encontrei protecção e louvor.

— Mas a que vem tudo isto? perguntará alguem. Responderei assim:

Tudo isto é preciso para que me conheçam e vejam o contínuo lidar, o affadigoso affan, com que hei buscado e busco instrucção para mim e exemplos para a minha classe.

Este meu lidar de todos os dias tem agradado aos homens serios e merecido os seus encomios; impressos tenho visto alguns.

Foi, portanto, para mim uma cousa surprehendente a recepção, pelo correio, *do que* se vae ler.

Como estimo os elogios que me ennervam a vontade, assim tambem dou bom gasalhado a satyras e acrimonias, porque, como diz o auctor do *Govêrno do mundo em sêcco*, que o illustre e *cheio de fel* paro-

dista provavelmente nunca viu: «o fallar mal tem a natureza da mostarda, que esperta, porque irrita.» No meu canhenho todos têm logar.

O que se vae ler é de um talento... escholastico... é o primeiro hospede que me bate á porta e pede entrada no meu albergue. Dou-lh'a, que é bom, cortez e decente o bemvindo, a quem terei de mutilar para fazer commungar no banquete do famoso Guttemberg.

Relevem-me os sensatos ésta publicação, que faço por memoria e honra d'elle e gratidão minha.

A MR. BARATA (ANTONIO FRANCISCO)

Caricatura da sua composição b... em versinhos de b... offerecida pelo auctor sandeu e tollo a Mr. H. por occasião do beneficio dado aos asylos de Coimbra

Abriu ao mundo asperrima batalha
Tanto co'a *penna* como co'a navalha.
A.

Gloria a Deus! diz o mestre barbeiro
'Nas alturas do seu pedestal!
Gloria a Deus! que me fez de sendeiro
Um poeta, um cantor magistral!

Aos que provam do casco a espessura,
Aos que a sorte p'ra a asneira creou,
Luz de sêbo lhe accende a loucura,
Fal-os poetas, como eu hoje sou.

Olha o tempo das minhas victorias
Bemdizendo-me o genio e o valor!
Se eu venci do rebolo as memorias,
Se eu achei uma rima p'ra amor!...

Eu — Barata (!) coroado d'asneiras,
Dos meus versos ouvindo o zurrar...
Vou encher de b. . . . . .
A poesia d'aquem e alem mar!

Gloria a Deus! que sou mestre barbeiro
Nas alturas do genio a grunhir,
Gloria a Deus! que de parvo e sendeiro[2]
Sou poeta d'asneira elixir.[1]

F. da F.

[1] Parodia d'uma poesia offerecida a Herrmann, que publiquei nas minhas primeiras Lucubrações.

[2] «Contra si o tiro volve».

F. A. G.

FIM

INDICE

	Pag.
Espinhos e louros	1
Vopeliares	12
Charadas	25, 32, 44, 47 e 82
Nos campos do eterno abril	26
D. Maria Linares	27
A R. A. de C.	29
No cemiterio de Coimbra	30
Necrologio	33
A uma senhora do Porto	36
Deus	38
25 de Fevereiro	39
Quatro dias em Portugal	40
Versos	45
Imitação	48
Chacara	51
Rosimunda (solao)	53
Artistas conimbricenses	59
A. M.	73
Decimas	76 e 77
O Arabe na Hespanha	78
Logogripho	81
Explicação prévia	83

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

Vende-se em Coimbra na loja de livros da Imprensa da Universidade, e na rua de S. João em casa do Sr. Domingos Sebastião Sanches, preço 240

OBRAS DE QUE É EDITOR

Olympio Nicolau Ruy Fernandes

Mundo Allegorico, ou o Plano da Religião Christã, representado no Plano do Universo, obra posthuma de Jeronymo Soares Barbosa, dedicada ao Clero da Nação Portugueza, e publicada sob a protecção do Em.^mo Cardeal Patriarcha e dos Ex.^mos Arcebispos e Bispos — 3 volumes, 2$400 réis.

Analyse dos Lusiadas de Luiz de Camões, dividida por seus cantos, com observações criticas sobre cada um d'elles, por Jeronymo Soares Barbosa, obra posthuma: edição dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro Quinto — 400 réis.

Excellencias da Eloquencia Popular, compostas na lingua Italiana por Luiz Antonio Muratori, traduzidas na Portugueza por Jeronymo Soares Barbosa — 200 réis.

O Godfredo ou Jerusalem Libertada, poema heroico, por Torquato Tasso, Principe dos Poetas italianos, traduzido na lingua portugueza por André Rodrigues de Mattos: edição feita pela de 1682; agora precedida d'uma noticia e d'um estudo historico sôbre a vida e escriptos de Torquato Tasso, e dedicada a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando — 1$200 réis.

Recreações Poeticas por Francisco de Castro Freire: 1.ª parte — Poesias originaes e versões várias; — 2.ª parte — Versões de Poesias de Mr. de Lamartine — 400 réis.

Poesias de Nicolau Tolentino de Almeida, obra posthuma e até hoje inédita — 120 réis.

Instrução sobre a Musica e Estudo de Piano, pelo Sr. Gaspar Ribeiro de [illegible] maior — 300 réis.

A Prostituição entre os Romanos, pelo Sr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão — 120 réis.

Brevissimo Opusculo da Doutrina da Religião Christã, comprehendendo [illegible] a pequena parte da primeira epocha da Historia Sagrada do Velho Testamento: approvado pelo conselho geral de instrucção publica — 80 réis.

CORRESPONDENTES

Lisboa — Livraria Universal, Praça de D. Pedro; Livraria Central, rua do Ouro; e dos Srs. Miguel Cobellos, Pereira, e Verol, na rua Augusta; Zefirino, rua dos Capellistas; — *Porto* — Livrarias dos Srs. Jacintho da Silva, rua das Hortas; e Cruz Coutinho, rua dos Caldeireiros; — *Coimbra* — Livraria da Imprensa da Universidade, e dos Srs. Orcel, Posselius, e Mesquita; — *Braga* — Agencia Commercial, rua de S. Lazaro; e o Sr. Germano Joaquim Barreto; — *Vizeu* — O Sr. Francisco Gomes Pinto, ao Arco; — *Lamego* — O Sr. José Cardoso; — *Aveiro* — Typographia do Campeão das Provincias; — *Leiria* — Typographia Leiriense, e o Sr. Curado; — *Evora* — O Sr. Vicente Joaquim da Gama, Collegio de S. Paulo; — *Faro* — O Sr. Feliciano José Alves Braga; — *Bragança* — O Sr. Claudino Augusto Cezar Garcia; — *Pezo da Regoa* — O Sr. Manuel Mendes Osorio; — *Hespanha* — Livraria da Universidade Central, Madrid, calle del Principe; — *Ilhas adjacentes e Possessões Ultramarinas* — Nas diversas Agencias Commerciaes; — *Brazil* — Nas principaes Livrarias do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Maranhão, e Pará.